

O USO DAS TECNOLOGIAS NA FORMAÇÃO DE CRIANÇAS LEITORAS E PRODUTORAS DE TEXTO¹

Maria Salete Melgarejo Saldanha²

Adriana Soares Pereira³

RESUMO

Este artigo mostra de que forma o trabalho em torno da produção de texto e da leitura em sala de aula pode encontrar no uso de novas tecnologias um importante aliado para o desenvolvimento da capacidade leitora e de escrita das crianças. O objetivo é propiciar práticas de leitura e escrita, utilizando-se do uso do computador e da internet como instrumentos que contribuem para avanços nestas áreas. A metodologia utilizada perpassa pela revisão da literatura que embasa o presente trabalho e também pelas constatações em torno das atividades de leitura e escrita realizadas, articuladas ao uso do computador e da internet. Finalmente, a realização deste trabalho dispõe-se a compartilhar as experiências com as novas tecnologias, bem como as demais práticas de leitura e escrita, reconhecendo-as como essenciais para a formação de crianças leitoras e produtoras de textos.

PALAVRAS-CHAVE:

Leitura. Escrita. Tecnologia. Produção de texto.

ABSTRACT

This article shows how the work on the production of text and reading in the classroom may find the use of new technologies as an important ally for the development of reading and writing ability of children. The objective is to practice reading and writing using computer usage and Internet as tools that contribute to advances in these areas. The methodology is embraced by the review of the literature that supports this work and also by the findings around the activities of reading and writing done, linked to the use of computers and the internet. Finally, this work is willing to share experiences with new technologies, as well as other practices of reading and writing, recognizing them as essential to the formation of children readers and producers of texts.

¹ Artigo apresentado ao Curso de Mídias na Educação da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Mídias na Educação.

² Aluna do Curso de Mídias na Educação da Universidade Federal de Santa Maria.

³ Professora Orientadora, Doutora, Universidade Federal de Santa Maria.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe-se a investigar o desenvolvimento da leitura e da produção escrita da criança, em fase inicial de escolarização, a partir do uso de tecnologias que favoreçam tais aprendizagens, enfocando a importância da intervenção pedagógica.

Trata-se de uma pesquisa inscrita no campo da Linguagem, mas que se utiliza de referenciais teóricos da área de Mídias em Educação. Para tanto, faz-se necessário explicitar conceitos essenciais para a compreensão da aprendizagem da língua escrita nos anos iniciais, bem como expor as concepções de Língua e Linguagem que alicerçam o trabalho e refletir sobre questões que envolvem o ensino de Português, nos anos iniciais de escolarização.

Destacam-se, também, algumas práticas de leitura e escrita que se utilizaram do ambiente informatizado e que promoveram avanços significativos em textos infantis, salientando a relevância de um contexto escolar que favoreça a formação de alunos leitores e autores, através do planejamento de eventos de leitura e escrita, de atividades lúdicas ocorridas no Laboratório de Informática e que foram fundamentais neste percurso, além da intervenção pedagógica como essencial na articulação entre os aportes teóricos e a prática.

Nas considerações finais, procura-se refletir sobre as vivências preciosas que este trabalho proporcionou, reconhecendo o uso de novas tecnologias como vital no espaço escolar, aliando teoria e prática e (re) pensando o contexto escolar, espaço cheio de vida e no qual os sujeitos se constituem como ser singular e coletivo.

2 REFERENCIAIS TEÓRICOS

É importante que na realização de uma pesquisa educacional se possa delinear a contribuição da Teoria e dos autores revisitados. Deste modo, destaca-se a seguir alguns elementos recolhidos dessas proposições teóricas, no campo da Linguagem, relacionando-as às práticas de escrita de crianças na fase inicial de escolarização.

2.1. Linguagem e Ensino

[...] Gosto do Pessoa na pessoa
E da rosa no Rosa
E sei que a poesia está para a prosa
Assim como o amor está para a amizade
E quem há de negar que esta lhe é superior?
E deixe os Portugais morrerem à míngua
Minha Pátria é minha língua...
(Música: “Língua” -Caetano Veloso)

Como ponto de partida, apresenta-se algumas concepções em torno de Língua e Linguagem. São pressupostos que fundamentam esta pesquisa e que considera-se de extrema importância nas reflexões desenvolvidas em torno do ensino da Língua Materna.

Para Possenti (2002, p.30), “saber falar significa saber uma língua. Saber uma língua significa saber uma gramática. Saber uma gramática não significa saber de cor algumas regras que se aprendem na escola [...]”. Partindo desta abordagem conceitual, deve-se considerar que, o (a) aluno (a), antes de ingressar na escola, já é uma falante dessa língua, portanto, vivenciou situações de interação social mediadas pela linguagem, logo possui conhecimentos linguísticos.

De acordo com Cagliari (1997, p.17), qualquer criança que ingressa na escola aprendeu a falar e a entender a linguagem sem necessitar de treinamentos específicos, ela foi exposta ao mundo linguístico que a rodeia e nele foi, ela própria, traçando o seu caminho.

Nessa perspectiva, a linguagem desempenha uma função comunicativa, exercendo também papel relevante na formação e organização do pensamento.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, p. 25), a linguagem, por realizar-se na interação verbal⁴ dos interlocutores, não pode ser compreendida sem que se considere o seu vínculo com a situação concreta de produção. Produzir linguagem significa dizer alguma coisa para alguém, de uma determinada forma, num determinado contexto histórico.

Neste caso, é importante reconhecer que a escrita, a leitura e a fala são processos interligados, no entanto, não acontecem da mesma forma. Cagliari (1997, p. 30), ao discorrer sobre “o que é ensinar português?”, destaca:

⁴ Interação verbal, aqui, é entendida como toda e qualquer comunicação que se realiza pela linguagem, tanto as que acontecem na presença (física) como na ausência do interlocutor. É interação verbal tanto a conversação quanto uma conferência ou uma produção escrita, pois todas são dirigidas a alguém.

No ensino de português é fundamental, essencial e imprescindível distinguir três tipos de atividades ligadas respectivamente aos fenômenos da fala, da escrita e da leitura. São três realidades diferentes da vida de uma língua, que estão intimamente ligadas em sua essência, mas que têm uma realização própria e independente nos usos de uma língua.

No que diz respeito ao ensino de português e às concepções “renovadas” sobre linguagem, é inegável as contribuições do campo da Linguística. Estudiosos desta área, ao tratarem sobre o conceito de linguagem, definem que a linguagem existe porque se uniu um significado a um significante e esta união constitui o signo linguístico, o qual se faz presente na fala, na escrita e na leitura; entretanto, atualiza-se em cada um desses casos de maneira diferente. A busca das relações entre significado e significante consiste em saber como uma língua funciona e quais os usos que possui. Contudo, as pesquisas e os avanços proporcionados pela Linguística muitas vezes não chegam efetivamente às salas de aula, por diversos fatores, desde a alfabetização até o último ano escolar.

A escola ainda privilegia o estudo de uma gramática normativa, através da transmissão de conceitos e regras prontos, a serem memorizados pelos alunos, através de exercícios repetitivos e frases isoladas que inviabilizam a reflexão dos alunos sobre as diferentes possibilidades de emprego da língua.

Sabe-se que a discussão em torno do ensino da gramática na escola tem sido alvo de longas discussões, bem como o inevitável entrelaçamento com metodologias e práticas pedagógicas distintas. Ou seja, para cada definição de gramática se tem uma concepção diferente de língua. Assim, ao assumir uma visão sobre o conceito e uso da língua, o professor está decidindo também suas estratégias didáticas referentes ao ensino da gramática.

Autores como Possenti (2002, p. 64) apontam para três tipos de gramáticas, que são: a Gramática Normativa, a Gramática Descritiva e a Gramática Internalizada.

Segundo o autor referido,

A Gramática Normativa corresponde ao conjunto de regras que devem ser seguidas. É a mais conhecida do professor de ensino fundamental e médio, porque é em geral a definição que se adota nas gramáticas pedagógicas e nos livros didáticos. A Gramática Descritiva é definida como o conjunto de regras que são seguidas. É a que orienta o trabalho dos lingüistas, cuja preocupação é descrever e/ou explicar as línguas tais como elas são faladas. Já a Gramática Internalizada é o conjunto de regras que o falante domina. Refere-se a hipóteses sobre os conhecimentos que habilitam o falante a produzir frases ou seqüências de palavras de maneira tal que essas frases e seqüências são compreensíveis e reconhecidas como pertencendo a uma língua.

Tratando-se destes tipos de gramática, Cagliari (1997, p.39) dá ênfase à Gramática Descritiva, conceituando-a como “o conhecimento que se tem da estrutura e funcionamento e usos de uma língua, nos seus mais diversos aspectos ou níveis, como fonético, fonológico, morfológico, semântico, pragmático, do discurso, sociolinguístico, psicolinguístico, etc”.

Portanto, no ensino de português, desde os anos iniciais de escolarização, o professor necessita obter informações sobre aspectos da Linguística, de maneira que possa garantir o trabalho com os fatos da língua a partir das construções que os alunos apresentam, ou seja, o que eles sabem. Ainda: não se esquecendo de propiciar a comparação, a reflexão e o contato com mundos linguísticos ainda desconhecidos pelos alunos.

Cabe à escola proporcionar situações significativas e variadas de aprendizagem em torno da Língua Materna, levando em conta os conhecimentos prévios das crianças, promovendo, assim, a ampliação de suas capacidades de compreensão e produção de textos orais, bem como a leitura e a produção de diferentes textos escritos.

Entre as modalidades da “língua”, o sistema de escrita configura-se como um objeto conceitual de natureza complexa e sua apropriação constitui-se numa forma de inserção no “universo letrado” presente na nossa cultura, pois, cotidianamente, nos deparamos com situações de interação mediadas pelo texto escrito.

Na escola, o ensino de Português tem sido direcionado para a escrita. Todavia, o funcionamento da escrita, bem como seus usos, em diferentes situações, permanece em segundo plano. Verificam-se atividades mecânicas, que reduzem o ato de escrever a um exercício que não propicia um significado para o aluno, inibindo sua capacidade criativa.

A maneira como a escola trata o escrever leva facilmente muitos alunos a detestar a escrita e, em consequência, a leitura, o que é realmente um irreparável desastre educacional (CAGLIARI, 1997, p.102).

Para a compreensão do funcionamento do sistema de escrita, é necessário conhecer alguns fundamentos que regem este sistema.

A escrita é uma forma de representação que induz à leitura. Escreve-se para alguém ler o que está escrito. A leitura tem como objetivo traduzir os símbolos escritos em fala.

Nosso sistema de escrita é alfabético e tem como base a letra. Isso implica reconhecer que o princípio geral que regula a escrita é a correspondência “letra-som”, ou seja,

“grafema⁵-fonema⁶”. Mas, este sistema também contém números, siglas e sinais ideográficos, os quais representam idéias.

Cagliari (2001, p. 115) afirma que “na nossa escrita, escreve-se a partir da representação dos sons da nossa língua, através de letras e o que estabelece as relações entre letras e sons não é o alfabeto e sim a *ortografia*”.

Para o professor, principalmente dos anos iniciais de escolarização, são indispensáveis tais conhecimentos sobre os usos e funções do sistema de escrita. Ele não pode esquecer também que, do ponto de vista do aluno, várias hipóteses surgem na tentativa de compreender o sistema de escrita alfabético. Afinal, o aluno parte do que sabe sobre a fala para desvendar os segredos da escrita e este processo é singular.

Favorecer a apropriação do sistema de escrita alfabético pelos alunos significa reconhecer as construções sobre a escrita que os alunos apresentam e a partir disto propor situações adequadas que promovam a superação de hipóteses e avanços no domínio da língua escrita. Neste processo, é essencial o trabalho efetivo com o texto oral e escrito em sala de aula, para desencadear questões relacionadas à grafia de palavras e posteriores sistematizações sobre algumas regras ortográficas. Sobretudo, é importantíssimo destacar a produção textual como prática interlocutiva.

Nas práticas sociais em torno da escrita, diversos gêneros textuais circulam. Para Bakhtin (2000, p.279), “cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados”. Desse modo, em cada tipo de situação de interação, surgem diferentes gêneros textuais com estilos, usos e finalidades distintos. Logo, o professor deve propiciar aos alunos o convívio e o uso de diferentes gêneros textuais.

Como expressa Soares (1999, p.64), ao mesmo tempo em que o aluno deve apropriar-se da escrita como atividade discursiva, o que acontece pela criação de situações (tanto quanto possíveis) reais de produção de texto, ele precisa também realizar atividades que o ensinem a estruturar seu texto escrito, de forma a atender às características de cada gênero.

Salienta-se que o uso da língua escrita se faz presente em várias situações do dia-a-dia. Dessa forma, as crianças convivem, desde cedo, com a escrita em diferentes suportes como letreiros, anúncios, rótulos, embalagens, *outdoors*, placas de rua, jornais, livros, correspondências, etc. Estas experiências em torno da escrita devem ser aproveitadas pela escola, levando os alunos a refletirem sobre as possibilidades da escrita, considerando as

⁵ São letras ou grupos de letras, entidades visíveis e isoláveis.

⁶ São as entidades elementares da estrutura fonológica da língua, que se manifestam nas unidades sonoras mínimas da fala.

hipóteses dos alunos sobre o que é escrever, mas proporcionando o contato com as convenções da língua escrita, criando condições para seu uso efetivo. Somando-se a essa postura o entendimento de que o trabalho efetivo com o texto em sala de aula é fundamental para os avanços na leitura, na produção textual e na análise linguística.

No processo de produção textual muitos elementos estão envolvidos, entre eles, para quem se escreve, qual o gênero textual, a coesão, a organização do texto, a coerência e a ortografia. Sendo assim, o professor ao elaborar atividades de produção de textos precisa orientar os alunos no planejamento e na revisão de seus textos. Como afirma Jolibert (1994, p.22), “é preciso que as crianças encontrem seu lugar no mundo da escrita não mais somente como leitoras e receptoras, mas como produtoras”.

2.2 O uso das novas tecnologias no processo de ensino- aprendizagem

Num tempo de constantes mudanças, a cultura digital tornou-se uma realidade incontestável. A velocidade da informação, as novas tecnologias, as redes sociais e os avanços nas áreas do conhecimento exigem cada vez mais a formação e atualização constante dos professores que trabalham com crianças e jovens que nasceram em plena era digital. Sobre esta influência da tecnologia no cotidiano escolar, Pierre Lévy(1993, p.17) salienta que “vivemos um desses raros momentos em que, a partir de uma nova configuração técnica, quer dizer, de uma nova relação com o cosmos, um novo estilo de humanidade é inventado”.

Para Folque(2011, p.9), “o educador assume um papel fundamental como mediador das aprendizagens, sobretudo como modelo que é para os mais novos, adotando determinados comportamentos e atitudes em face das tecnologias”.

Nos últimos anos, é inegável a influência do avanço tecnológico na escola. Sendo assim, é importante que na escola os alunos tenham o acesso às ferramentas tecnológicas e, principalmente, que o professor oportunize o desenvolvimento de projetos integrados ao uso de tais recursos. Salienta-se que esta prática já faz parte do cotidiano de muitas escolas e inúmeras experiências pedagógicas obtiveram o sucesso na aprendizagem dos seus alunos ao utilizarem novas tecnologias como aliadas no trabalho docente.

Segundo Kenski(2007),

Na era da informação, comportamento, práticas, informações e saberes se alteram com extrema velocidade. Um saber ampliado e mutante caracteriza o estágio do conhecimento na atualidade. Essas alterações refletem-se sobre as tradicionais formas de pensar e fazer a educação. Abrir-se para as novas educações resultantes de

mudanças estruturais nas formas de ensinar e aprender possibilidades pela atualidade tecnológica, é o desafio a ser assumido por toda a sociedade.

No que diz respeito ao uso do computador e da internet na prática pedagógica não é diferente, ou seja, o computador e a internet deve ser uma ferramenta que auxilie professor e aluno na busca das aprendizagens necessárias na escola e em outros espaços de inserção social, de forma que o aluno seja capaz de construir hipóteses, solucionar problemas, pesquisar e produzir conhecimentos. Desta forma, os recursos da informática são importantes para o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias na formação dos alunos. Além disso, permite aos alunos expressarem seus conhecimentos em torno da informática.

Todavia, o professor deve proceder com um estudo e um planejamento que contemple tais objetivos, isto é, é fundamental uma intencionalidade em tal uso e não meramente um momento de passatempo sem qualquer conexão com a prática docente. Sendo assim, faz-se necessário que o professor estabeleça estratégias que permitam a articulação entre o uso do computador e da internet pelos alunos e os objetivos e os conteúdos que serão trabalhados, bem como delimitando o tempo de utilização dos recursos tecnológicos.

Recentemente, nas escolas públicas, ocorreram avanços significativos no acesso ao computador e à informática, permitindo aos estabelecimentos de ensino a implantação de Laboratórios de Informática, através de políticas públicas voltadas para a inclusão digital e que permitiram novas experiências pedagógicas. Contudo, tais ações não vieram acompanhadas de formação adequada aos professores e nem dispuseram de recursos humanos especializados no uso de tais tecnologias.

O computador e a internet constituem-se em instrumentos pedagógicos que podem facilitar e potencializar a capacidade leitora da criança, bem como aperfeiçoar sua produção escrita, através de atividades lúdicas e pesquisas.

A respeito do uso da internet, Lévy(1999, p.157) afirma que “o ciberespaço suporta tecnologias intelectuais que amplificam, exteriorizam e modificam numerosas funções cognitivas humanas”.

No caso da língua escrita, o professor poderá utilizar o computador e a internet para acessar jogos (*online e offline*) que estimulem a leitura e possibilitem aos alunos ampliarem o vocabulário e o conhecimento de mundo.

A digitação de textos no programa *word* é uma oportunidade para os alunos colocarem em prática os conhecimentos em torno da organização do texto(letra maiúscula, parágrafo, ortografia, acentuação).

3 METODOLOGIA

A escolha metodológica deste trabalho tem como universo de pesquisa as práticas de leitura e de escrita entrelaçadas às atividades desenvolvidas no Laboratório de Informática.

Neste caminho, é de suma importância recorrer à teoria, aos questionamentos surgidos, às constatações e aos momentos vivenciados no cotidiano escolar.

Ressalta-se que na interface entre o individual, o coletivo e as relações traçadas no cotidiano escolar é que o presente estudo procura descrever de que forma o aluno constitui-se como sujeito no processo de aquisição da leitura e da escrita, enfatizando o uso do computador e da internet como impulsionador do progresso na elaboração dos textos escritos pelos alunos e no aperfeiçoamento da capacidade leitora dos mesmos.

Nas leituras de diferentes portadores de textos, buscou-se o trabalho com temas que possibilitassem ao aluno expor seus pensamentos e expressar sua criatividade. As leituras foram atividades permanentes. Para tanto, organizou-se momentos diferenciados de leitura.

Na sala de aula, havia caixas com vários livros de literatura (de acordo com a faixa etária dos alunos) e gibis. A leitura de tais livros era diária e havia também a possibilidade de empréstimo dos mesmos. Na biblioteca, os alunos retiravam livros a cada quinze dias e havia também a contação de histórias. Uma vez por semana era escolhida uma história para ser contada também em sala de aula (pela professora).

Em relação ao trabalho com a escrita, realizou-se inicialmente a escrita de textos coletivos a partir de filmes exibidos na escola, de livros lidos e de um passeio realizado pelos pontos históricos e turísticos de Porto Alegre. Posteriormente, houve propostas de escrita de textos individualmente a partir de temas como: Na minha escola; Aconteceu na minha família; Se eu fosse um super-herói eu...; Quem sou eu?

Os textos eram escritos em um caderno. No início do ano, cada um dos alunos havia recebido da professora este caderno exclusivamente para a escrita de textos. A capa do caderno foi decorada pelos alunos. Uma vez por semana os alunos escreviam um texto neste caderno. A maioria dos temas foi proposta pela professora, entretanto, houve momentos em que o aluno escolhia sobre o que iria escrever. Após a escrita dos textos, procedeu-se com a correção de alguns textos, através da abordagem de diversos aspectos da estrutura de um texto escrito, como: título e autor; parágrafos, margem, linha, frase; diferença entre palavra, sílaba e letra, bem como de como se fala e de como se escreve, entre outros. Em seguida, cada texto foi reescrito. A fim de que os alunos aprendessem as regularidades e irregularidades da língua escrita, bem como outras convenções utilizadas, foi fundamental a seleção de sites de jogos na

internet sobre ortografia. A partir deste momento, começou o planejamento das aulas no Laboratório de Informática.

No Laboratório de Informática, as atividades contemplaram jogos que permitiram ao aluno descobrir a ortografia de palavras. Posteriormente, iniciou-se com as aulas no *Word* (funcionamento, uso da letra maiúscula, etc). Destaca-se aqui que foi essencial a colaboração da professora do Laboratório de Informática no sentido de explicar aos alunos como digitarem os seus textos, de como salvá-los no computador. Os alunos escolheram alguns dos seus textos para digitarem neste programa. Em seguida, prosseguimos com a busca na *web* de imagens para ilustrarem seus textos. As aulas no Laboratório de Informática aconteciam uma vez por semana. Cada encontro era previamente discutido com a turma, ou seja, o que os alunos fariam em determinado dia (jogo, digitação de texto, pesquisas, desenhos, escolha de imagens para ilustração dos textos,...).

3.1 RESSONÂNCIAS DO TRABALHO

Assim, as atividades de leitura e escrita articuladas ao uso do computador e da internet foram planejadas com o intuito de aperfeiçoar a compreensão leitora dos alunos; as possibilidades de estabelecimento de relações e construção de sentidos; o diálogo intertextual; a produção escrita dos alunos, através do levantamento de hipóteses e do contato com diferentes gêneros textuais.

Nas observações realizadas durante o desenvolvimento das atividades, foram perceptíveis os avanços nas produções textuais dos alunos.

Para elucidar os resultados obtidos, apresentam-se os textos produzidos por uma aluna no decorrer do ano letivo. É importante salientar que os textos analisados foram realizados em contexto escolar e estão relacionados às temáticas trabalhadas com os alunos. É necessário ressaltar que a escolha por este conjunto de textos justifica-se pelo fato de que é visível o progresso obtido por esta aluna em seus escritos sob os aspectos da argumentação, ortografia e emprego dos sinais de pontuação. O texto apresentado foi escrito a partir da temática “Se eu fosse um super-herói”⁷.

Nota-se que há uma espécie de “alinhamento” das palavras à esquerda. O texto está escrito em bloco (apenas um parágrafo). Entre os sinais de pontuação, há a presença da vírgula e do ponto final.

⁷ Texto elaborado em abril de 2011.

4/04/11

Se eu fosse um super-herói

Se eu fosse uma super-heróina eu queria ser a mulher maravilha com os poderes de ar, fogo, água e terra e a roupa seria uma linda brasa vermelha e um lindo cinto dourado uma coroa e dois braceletes e uma corda e quando precisar basta me chamar que vou ajudar então chao até mais tarde.



Thalata

O segundo texto foi elaborado a partir da temática: “Minha escola”. O texto foi reescrito pela aluna no caderno de texto, após as correções feitas pela professora. Neste texto, a aluna discorreu sobre suas preferências na escola. É válido destacar que neste período as aulas no Laboratório de Informática já faziam parte das atividades semanais em torno da leitura e da escrita e que o trabalho em torno da reescrita de texto já estava sendo solicitado, Tudo era motivo de leitura e escrita e cada texto era um “mote” para diversas atividades (inferências, ortografia, diferença entre fala e escrita,...).

4/10/2011

Minha escola

Eu estudo na escola E.M.F.
São Pedro.

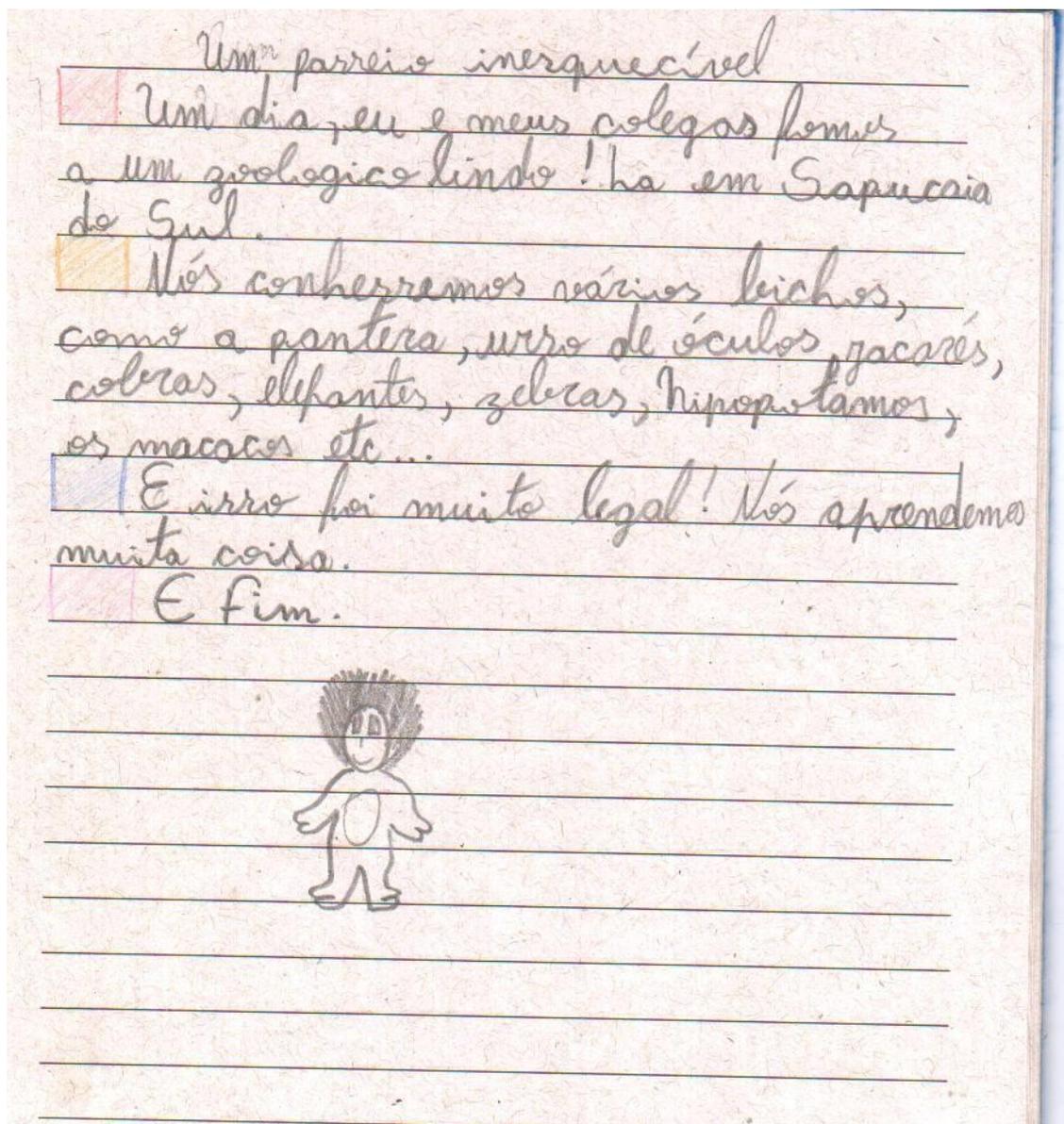
Na minha escola tem banda,
guarda, mais educação e aula de
italiano.

© que eu mais gosto é
estudar.



O terceiro texto escolhido foi produzido no mês de novembro, a partir da temática “Um passeio inesquecível”. Neste texto, realizado sem a intervenção da professora, nota-se que há uma preocupação por parte da autora com elementos constitutivos do texto tais como pontuação, parágrafo, concordância e o uso da letra maiúscula. Nesta produção, a aluna emprega mais de um sinal de pontuação. O ponto final é usado para encerrar um tópico e anunciar uma nova informação. A vírgula aparece para separar termos repetidos. Os sinais de pontuação são usados de forma adequada, ou seja, em conformidade com as convenções da escrita. Observa-se o uso de quadrados coloridos para marcar o início de cada parágrafo. A

letra maiúscula é usada na escrita de nomes próprios (Sapucaia do Sul). A ortografia apresenta um impressionante progresso e poucos são os “erros”.



4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho, procuraram-se pressupostos metodológicos e teóricos, de vários autores, que alicerçassem a pesquisa e fossem ao encontro dos objetivos propostos.

Buscou-se, então, examinar o objeto de estudo, a produção escrita da criança, dedicando um olhar mais atento, às hipóteses infantis antes e depois do trabalho realizado com o uso do computador e da internet, assim como a ressonância destas atividades na leitura e na escrita dos alunos.

Como conclusão do referido trabalho, destaca-se que é essencial o respeito pelo processo de aprendizagem do aluno, acreditando na sua capacidade de criar soluções e aprender, não ignorando as experiências e os conhecimentos que já possui, principalmente no domínio que muitas crianças já demonstram em torno do uso computador e da internet.

Ressalta-se a relevância de se explorarem as potencialidades do uso do computador e da internet na busca de informações e na apropriação de conhecimentos.

Em relação ao trabalho desenvolvido em torno da leitura e da escrita, fica a certeza de que uma intervenção pedagógica apropriada é capaz de promover avanços significativos nas produções escritas de crianças nos anos iniciais de escolarização. Neste sentido, cabe ao professor (a) atentar para o fato que a criança é um ser ativo que reflete sobre os vários aspectos (ortografia, coesão, pontuação,...) que envolvem a escrita e que os “erros” infantis nos textos devem ser percebidos, analisados, interpretados e qualificados a fim de que os alunos possam reconhecê-los e aprender com eles.

Reafirma-se também a importância de reconhecer as singularidades, mas sem perder de vista o coletivo, as vivências fundamentais para a constituição do sujeito ímpar e inserido em múltiplos contextos.

Os “ecos” da ação pedagógica nas produções escritas e na leitura dos alunos foram perceptíveis. A leitura e a escrita de textos não eram mais atividades enfadonhas. Os alunos retiravam livros da biblioteca da escola com mais frequência, assim como a procura pelos livros que tínhamos na sala de aula. A cada proposta de escrita de texto, eles mostravam-se receptivos e a fluência na leitura teve progressos.

Por fim, espera-se ter contribuído, por meio deste trabalho, para a compreensão do processo de escrita e de leitura das crianças em fase inicial de escolarização. Assim, faz-se necessário cada vez mais articularmos às práticas de leitura e escrita o trabalho com as novas tecnologias. Considera-se também imprescindível que o professor se aproprie cada vez mais destas tecnologias, integrando-as ao seu planejamento didático, favorecendo desta forma novas aprendizagens.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. 3. Ed. (1953- 1. ed.) Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto/Secretaria do Ensino Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais- Língua Portuguesa*, vol. 2. Brasília, 1997.

CAGLIARI, L. C. *Alfabetização & lingüística*. São Paulo: Ed. Scipione, 1989.

CAGLIARI, L. C. A ortografia na escola e na vida. In: MASSINI-CAGLIARI, Gladis (org.). *Diante das letras: a escrita na alfabetização*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB; São Paulo: Fapesp, 1999.

FOLQUE, M. A. *Educação infantil, tecnologia e cultura*. Revista Pátio. Setembro, 2011

JOLIBERT, J. *Formando crianças produtoras de textos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

KENSKI, V. M. *Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2007.

LÉVY, P. *As Tecnologias da Inteligência: O Futuro do Pensamento na Era da Informática*. Rio de Janeiro: Editora 34, Tradução de Carlos Irineu da Costa, 1993.

LÉVY, P. *Cibercultura*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

LÉVY, P. *O que é virtual*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2003.

POSSENTI, S. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 2002.

SOARES, M. B. Aprender a escrever, ensinar a escrever. In: ZACCUR, Edwiges (org). *A magia da linguagem*. Rio de Janeiro: DP&A: SEPE, 1999.